

“Provando e Riprovando”

1.1.1959

Raul Pilla

ANDO balanço aos três anos já decorridos do governo do sr. Juscelino Kubitschek, um dos nossos mais autorizados diámas só encontra uma expressão para definir o comportamento dos dirigentes do Estado: decência da responsabilidade «E' como se o país se houvesse convertido num imenso latifúndio privado, de que o Governô pôs e dispõe a seu talante».

Depois de analisar uma longa série de falhas graves, assim conclui o jornal o seu artigo: «O Globo» tem muita pena de apresentar este balanço oficial de 1958. Mas que vamos fazer? Carar seria criminoso. Se há um voto a formular é para que o Ilustre sr. Juscelino Kubitschek, nos dois anos finais do seu mandato, resgate as faltas já cometidas. Aqui estaremos para aplaudir-lo».

E' humano e patriótico este voto. Mas (permita-se-me a franqueza) algum tanto desarrazoado. O nosso sistema de governo é essencialmente pessoal. O presidente é quem lhe imprime a feição, embora nêle possam interferir, e por vêzes decisivamente, outras pessoas. Se os três anos já decorridos foram o que se vê, por que serão diferentes os dois anos que faltam para completar o quinquênio? Se a pessoa não muda, só por milagre mudará o governo.

E', pois, do regime. Pode succeder, embora cada vez mais difficel se vá tornando, que boa seja a escolha do governante: mas se má foi, outro remédio não há senão suportar o governo até

o fim do longo mandato, outro-ra quatro anos, agora cinco. O que é, evidentemente, um desajustamento...

Quando outras vantagens não tivesse o sistema parlamentar, teria essa, que bastaria a recomendá-lo decisivamente: podem substituir-se facilmente e a tempo os maus governos. E' o que há de mais razoável numa democracia.

Em vez de fazer um voto inutil, que apenas por desencargo de consciéncia se formula, o que um grande jornal faria então era concitar o parlamento a substituir o governo inepto. E, para chegar a esta conclusão, não seria mister esperar três longos anos: alguns meses, no máximo um ano, bastariam para chegar à decisão.

Não é certo que o novo governo viesse a ser melhor do que o anterior, mas é provável, pois teria a guiá-lo os erros e as deficiéncias dêle. E, ainda que me-

lhor não fôsse, poderia ser por sua vez substituído, depois de breve experiência, e assim, por tentativas sucessivas até que se chegasse a formar o governo conveniente. «Provando e riprovando», como disse Galileu e se applica perfeitamente à arte de governar.

O absurdo é que, por quatro ou cinco anos, se entregue a sorte de um povo ao arbitrio de um homem, só porque, em certo dia, este recebeu determinado número de votos, que provavelmente já não teria, se de novo se apresentasse às urnas. Então, só resta verdadeiramente um recurso: imprecar à Divina Providéncia...